

Obra de referência:
Obra Reunida, de Emílio de Menezes,
Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.

GOTA D'ÁGUA

Olha a paisagem que enlevado estudo!...
Olha este céu no centro! olha esta mata
E este horizonte ao lado! olha este rudo
Aspecto da montanha e da cascata!...
E o teu perfil aqui sereno e mudo!
Todo este quadro que a alma me arrebatava,
Todo o infinito que nos cerca, tudo!
D'água esta gota ao mínimo retrata!...
Chega-te mais! Deixa lá fora o mundo!
Vê o firmamento sobre nós baixando;
Vê de que luz suavíssima me inundo!...
Vai teus braços, aos meus, entrelaçando,
Beija-me assim! vê deste azul no fundo,
Os nossos olhos mudos nos olhando!...

MATINA

Noite! Cesse o teu ar imoto e quedo!
Quero manhã! todos os sons que vazas!
Fujam do ninho ao lépido segredo
Todas as bulhas de reflantes asas.
Sol! tu que a terra fecundando a abrasas.
Desce da aurora em raio doce e a medo,
Todas as luzes travessando o enredo
Diáfano e leve das nevoentas gazas.
Telas festivas deslumbrai-me a vista!
Cantos alegres desferi-me em roda
Em toda a luz, em todo o som que exista.
E a natureza toda em harmonia,
Iluminada a natureza toda,
Surja gloriosa no raiar do dia.

VIDA NOVA

De uma vida sem fé de nebuloso inverno,
Furtei-me sacudindo o gelo da descrença.
Aquece-me outra vez este calor interno,
Esta imensa alegria, esta ventura imensa.
Sinto voltar de novo a minha antiga crença,
Creio outra vez no céu, creio outra vez no inferno,
Na vida que triunfe ou na morte que a vença
Creio no eterno bem, creio no mal eterno!
E quando enfim do corpo a alma for desgarrada
E procure entrever a região constelada
Que aos bons é concedida, esplêndida a irradiar,
Ao coro festival de um hino triunfante
Abra-se a recebê-la, olímpico e radiante

Todo o infinito céu do teu sereno olhar!...

O PEIXE

José Maria de Heredia)

Do mar, ao fundo, o sol, em misteriosa aurora,
Dos corais da Abissínia a floresta alumia,
Banhando, à profundez da tépida bacia
A fauna que floresce e a palpitante flora.
E tudo o que do oceano o iodo ou o sal colora
A anêmona marinha, as algas de haste esgula,
Põe suntuoso desenho em púrpura sombria
Na pedra verminosa onde o pólipó mora.
Amortecendo o brilho à retulgente escama,
Um grande peixe vaga entre a enlaçada rama;
Da água as ondas, em torno, indolente desfalda.
Mas súbito ele agita a barbatana ardente,
E à tona do cristal azulado e dormente,
Corre um rastilho de ouro e nácar e esmeralda!

AS SEREIAS

Fui pelo mar em fora. A recurva trirreme
Ampla, em prata estendendo um rastilho de espuma,
Leva, léguas além, a áurea canção que geme
E canra, d'harpa, e ri, nas cordas, uma a uma.
Vibra sempre a canção; adelgaça-se a bruma;
Surge a lua, e ao luar, a superfície treme
Do mar que a essa canção em colo a vaga apruma,
Extreme de paixões, de cóleras extreme.
Tão sugestivo é o canto, e entre as vagas do oceano
Os golfinos e dragões sorvem-lhe o eco em tal dose,
Que pouco a pouco vão tomando o aspecto humano.
Súbito, cessa o canto e as sereias em rima,
Mudas pasmam de ver esta metamorfose:
 Monsnstros do ventre abaixo e deusas ventre acima.

A CHEGADA

Noite de chuva tétrica e pressaga.
Da natureza ao íntimo recesso
Gritos de augúrio vão, praga por praga,
Cortando a treva e o matagal espesso.
Montes e vales, que a torrente alaga,
Venço e à alimária o incerto passo apresso.
Da última estrela à réstia ínfima e vaga
Ínvios caminhos, trêmulo, atravesso.
Tudo me envolve em tenebroso cerco
D'alma a vida me foge, sonho a sonho,
E a esperança de vê-la quase perco.
Mas uma volta, súbito, da estrada
Surge, em auréola. o seu perfil risonho,
Ao clarão da varanda iluminada!

SEM TÍTULO

Amo, e por este amor verto o meu próprio sangue;
E sei que deste amor o que de bom me resta,
É que por to provar eu te irrite, eu te zangue
Pois entraste da intriga a embrenhada floresta.
Mas que importa que o luar importune a avantesma
E que a suspeita gire em torno de uma estima,
Quando essa estima tem a mesma força e a mesma
Vida eterna de um sol que outros astros encima?
Gravitem em redor satélites mesquinhos
Os bastardos da luz, os espúrios da glória.
Que importa! Se este amor por tortuosos caminhos
Beijo a beijo nos leva à suprema vitória?
Os espinhos cruéis se transformam em louros
E a mulher que os teceu vai à imortalidade;
Tira ao Dante Beatriz os egrégios tesouros,
Ou com ele deslumbra ainda hoje a humanidade?
Porventura a nobreza e os brasões de Eleonora
Tinham vida e grandeza iguais ao tempo e o espaço?
Não, que o esquecimento a asa desoladora
Sobre ela vinha abrir – não fora o amor de Tasso!
Que o ódio impotente e vil se define e se exaura
No seu esforço vão, - babugento heresiarca –
Que seria de ti, ora aureolada Laura
Se te não perpetuasse o plectro de Petrarca?
Se esses amores, tu, velho gênio da intriga,
Não chegaste a queimar na pira do teu culto
Quando eles tinham só por companheira e amiga
A musa do poeta a perpetuar-lhe o vulto,
Quanto mais destruir este em que duas almas,
Filhas da mesma luz, filhas do mesmo gênio,
Se unem para a conquista ideal das mesmas palmas,
À luz do mesmo teatro e do mesmo proscênio?
Vem! que clamam por ti as vozes do meu verso,
Náufragos a pedir socorro entre os escolhos
Para que em mim concentre e resuma o universo
Basta a constelação que vive nos teus olhos!

DA MINHA JANELA

(Soulary)

Desta janela aberta aos eflúvios de Abril,
Vendo os que vão e vêm, a alma sonha e medita:
- "Pela vida- a lutar nesta faina febril,
Este e aquele, onde vão? de onde vêm nesta grita?"
O que se ama ou se odeia ou se busca ou se evita,
Tudo se cruza aqui numa trama sutil.
- Quantos a morte leva ou seja nobre ou vil,
Enquanto em pleno sol o vivente se agita? -
E penso então que desde o tempo mais distante
A rua vê correr a humana vaga, e nela,
Nada mudar da vida o drama palpitante.
E que outras ondas sempre aqui virão rolar...
Sempre as mesmas! porém, desta minha janela,

Outros - não eu! - virão vê-las ir e voltar...

FLAVA DEA

Da discreta persiana pelas fendas
Cuidadosos passai, raios brilhantes
Do sol! segui-os meu olhar! Instantes
Raros vos mostram as mais raras prendas.
Como das ondas das pagas legendas
Súbito surgem deusas triunfantes.
Saltam-lhe as formas níveas, palpitantes
Da branca espuma das nevadas rendas.
Agora uma; agora esta outra poma;
O ventre agora, agora... - que ansiedade! -
Curva por curva, o corpo todo assoma!
Sol! meu olhar! mais ávidos! pois há de
Ao desprender-se farta a loura coma,
Velar da Deusa a nua majestade.

SONETO MITOLÓGICO

Próximo, o lago em que se lança a fonte
Onde Canace a fruta rude escuta,
Que lhe diz que o irmão de meiga fronte
Fauno vencera na porfiada luta.
Propícia é a Noite cujo manto enluta
De Flora o reino todo, o bosque, o monte...
Fora, a campina, o intérmino horizonte...
Dentro, o Mysterio na encantada gruta.
O Segredo a espreitar. A sussurrante
Asa passa de Amor. No pétreo solo,
De musgo o leito e de hera verdejante.
E enquanto fora os ventos solta Eólo
Lá dentro o filho, trêmulo, arquejante,
Beija da irmã o incestuoso colo.

CATECÚMENO

Faltem-me embora para o noviciado
Deste amor que conforta e regenera,
Todas as inocências, todo alado
Bando de sonhos que a inocência gera.
Faltem-me e eu venha já, velho e cansado
Velha lenda que veio, de era em era,
Perdendo o brilho, e entre o templo sagrado
Do teu amor empós uma quimera.
Entre - que importa! encontrarei um teto
E o agasalho das Santas Escrituras,
- Peregrino do amor, pagão do afeto.
E o batismo terei para quem ama.
- Amplo Jordão de águas claras e puras -
Água lustrai que o teu olhar derrama.

RETORNO

Olha! volto de novo, - Olha! de novo à crença.

Eu volto. É o mesmo templo. – O teu olhar traspassa
Rasga, ilumina em fogo, a abóbada suspensa
De onde pende do incenso a mesma nuvem baça.
Sinos rebadalando o glorioso repique...
Toda a massa dos fiéis pelos degraus do altar...
Deixa que suba a prece e que a esperança fique
À flor dos corações como algas sobre o mar.
É o mesmo ainda o canto invisível e crente,
O turíbulo de ouro o mesmo fumo evola,
E do órgão gemebundo o queixume plangente
É o mesmo que noss'alma embriaga e consola.
Aquece-me de novo o mesmo fogo interno,
Chora-me dentro d'alma o mesmo cantochão
Que no ouvido me entrou pelo lábio materno
Como um vinho de Cos num cérebro pagão.
Mas uma timidez de neófito me invade,
A alma se me conturba, a vista emarelece...
Sinto-me tropeçar a cada claridade
E a cada treva sinto um corpo em que tropece...
Por que em ti não achar o desejado guia
Que o vacilante passo, estradas através,
Conduza onde não haja além da luz do dia
Outra luz que não seja a que vejo a teus pés?
Vem! que por tua voz de madrigais suaves,
Fanático, a pisar, enfebrecido e louco,
Eu descubra o caminho através estas naves
E me tires a venda aos olhos, pouco a pouco.
Aceita no agasalho ardente do teu beijo,
A alma cheia de medo e cheia de terror,
E nesta indecisão do primeiro desejo
Mata o dragão do ciúme e dá vida ao amor.
Faze do teu olhar o meu único teto,
A única inspiração me venha do teu riso,
Que eu não sei se haverá noutrem maior afeto,
Se igual dedicação neste mundo diviso.
Queira a fúria de mar que em teus olhos se mira,
Queira a calma de luar que o teu olhar contém,
Naufragar o temor que esta paixão me inspira
E a esperança banhar da alegria que vem!

O RIO GUERREIRO

Rota a vertente, a rocha rebentando,
Impetuoso em esguicho o campo irrorra;
Regato agora, agora largo e brando,
De branca espuma a superfície enflora.
Logo torrente o crespo dorsa impando,
- Quer seja noite, quer o veja a aurora –
Légua a légua o terreno conquistando,
Vai caudaloso pelo vale em fora.
Ei-lo afinal - o forte curso findo,
Num esforço estupendo, soberano.
Fero, revoltado, arroja-se rugindo

Aos loucos roncões vagalhões do Oceano.
A Pororoca o estrondo repetindo
Eternamente do combate insano!...

SALTO DO GUAÍRA

Largo, oceânico, azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Léguas e léguas marulhoso e brando
O rio enorme todo o céu retrata.
Súbito, as águas, brusco, represando
Em torvelins de espuma se desata;
Vertiginoso, indômito, raivando
Ruge, fracassa e tomba em catarata.
Tomba, e de novo em arco se levanta.
Nada a brancura esplêndida lhe turva,
Em tanto resplendor e glória tanta.

TRAPO

Esta que outrora o linho da cambraia
Na pompa da ostentosa lençaria,
- Folhes e rendas que à secreta alfaia
Ornavam com capricho e bizzarria –
Era camisa – e que hoje a nostalgia
Sofre do tempo em que entre a pele e a saia
O perfumado corpo lhe cingia, -
Era ao possuí-la, a última atalaia.
Trampo que encerras o ebriante aroma
Do seu colo moreno, poma e poma,
Ora em tiras te vejo desprezado.
E mais te quero, e mais te achego ao peito
Trapo divino! Símbolo perfeito
De um coração por Ela espedaçado.